

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

7 DE FEVEREIRO DE 1878

Catholicos! Esta data é uma data de luto, marca o dia fatidico da morte do angelico Pio IX, oremos todos!

O nome d'esse GRANDE Pontifice, unico sob tantos aspectos, evocando em nossa alma mil gratissimas recordaçõs, falla mais alto, tem eccos mais intimos em coraçõs de filhos que os pobres accentos da palavra humana; ommitamol-os.

Possa o seu espirito estar tão vivo no seio intimo de Deus (e firmemente crêmos que o está já hoje) como a sua memoria permanece viva, indelevel, sempre unvida de encendrado amor, e repassada do acerbo pungir da saudade em nossos peitos fieis!

Padre SENNA FREITAS.

**Carta encyclica do Santo Padre
Leão XIII aos Patriarchas,
Primazes, Arcebispos e Bis-
pos de todo o orbe catholico
em communhão com a Santa
Sé**

(Conclusão)

Sabeis egualmente que as theorias socialistas quasi a dissolvem, por isso que, perdida a força que lhe provem do casamento religioso, necessariamente se ha de afrouxar o poder dos paes para com os filhos e os deveres dos filhos para com os paes. Pelo contrario, segundo o ensino da Igreja, o *matrimonio, em tudo digno de ser honrado* (11) que o proprio Deus logo no principio do mundo instituiu para a propagação e conservação da especie humana e declarou indissolvel, mais firme e mais sancto se tornou por virtude de Christo que o elevou à dignidade de sacramento e d'elle quiz fazer a imagem de sua união com a Igreja. Por isso, ensina o Apostolo, (12) o marido é a cabeça da mulher, assim como Christo é a cabeça da Igreja; e do mesmo modo que a Igreja está subjeita a Jesus Christo, que a ama com a nor castissimo e perpetuo, assim tambem as mulheres devem estar subjeitas a seus maridos, e estes em compensação amal-as com fiel e constante affecto.

A Igreja regula egualmente o poder do pae e do amo, a fim de conter os filhos e os criados no dever, e nunca exorbitar. Porque, segundo a doutrina catholica, a auctoridade dos paes e dos amos é uma derivação da auctoridade do Pae e Senhor celeste, e d'Elle tira não só a sua origem e força, mas tambem sua natureza e indole! É este o motivo porque o Apostolo *exhorta os filhos a que obedeçam a seus paes no Senhor, e a que honrem seu pae e sua mãe, o que é o primeiro mandamento feito com promessa* (13). E aos paes diz: *E vós, paes, não provequeis á ira os vossos filhos, mas educaes-os em disciplina e correção do Senhor.* (14) O preceito que o divino Apostolo dá aos criados e aos amos é: *que aquelles obedeçam aos senhores temporaes como a Christo... serrindo-os de boa vontade, como ao Senhor, e que estes evitem as ameaças, sabendo que o Senhor de todos está nos ceos, e que não ha accepção de pessoas deante d'Elle.* (15)

Se todas estas cousas fossem observadas por cada um d'aquelles a quem dizem respeito, segundo a disposição

da divina vontade, cada familia offerencia a imagem da celestial morada, e os insignes beneficios que d'ahi adviriam, não ficariam encerrados tam sómente no recinto da familia, mas diffundir-se-hiam abundantemente por toda a sociedade.

Quanto á tranquillidade publica é domestica, a sabedoria catholica, apoiada nos preceitos da lei natural e divina, mui prudentemente providencia pelas ideias que adopta e ensina sobre o direito de propriedade e partilha dos bens que foram legitimamente adquiridos para occorrer ás necessidades e usos da vida. Porque, enquanto os socialistas apresent'un o direito de propriedade como invenção humana, contraria á egualdade natural dos homens; e apregoando a communhão de bens, proclamam que a pobreza se não deve soffrer com paciencia, e que impunemente se podem violar os haveres e os direitos dos ricos, pelo contrario, a Igreja reconhece muito mais util e sabiamente a desigualdade entre os homens, naturalmente dissimilhanes pelas forças do corpo e do espirito, inclusivamente na posse dos mesmos bens; e além d'isso, ordena que o direito de propriedade e de dominio, fundado na propria natureza, seja mantido intacto e inviolado nas mãos de seu legitimo possuidor: porque sabe que o furto e o roubo foram condemnados na lei natural por Deus, auctor e vingador de todo o direito, a ponto que nem mesmo é permittido cubigar as cousas alheias, e os ladrões e roubadores são excluidos do reino do ceo, do mesmo modo que os adulteros e os idolatras.

Por isso Ella, como mãe carinhosa, toma a seu cuidado os pobres, e nada omitta para prover ás suas necessidades, abrigando-os em seu maternal seio, e sabendo bem que elles representam o proprio Christo, que considera como feito a si o bem que se faz ao mais humilde dos pobres: Ella tem-nos em grande honra, Ella lhes assiste com todo o seu poder: por toda a parte procura levantar cazas e hospitaes onde elles possam ser recebidos, sustentados e tractados, e os acolhe sobre sua tutela. Além d'isso, impõe aos ricos o stricto preceito de darem aos pobres o superfluo: põe-lhes diante dos olhos o tremendo juizo de Deus que os condemnará aos supplicios eternos, se não occorrerem ás necessidades dos indigentes. Ficalmente, Ella suavisa e consola o espirito dos pobres, já propondo-lhes o exemplo de Jesus Christo, que *sendo rico se fez pobre por nossa causa* (16) já recordando-lhes as palavras pelas quaes Elle declarou os pobres bemaventurados, e lhes deu a esperanza de alcançar a recompensa da eterna felicidade.

(16) I Cor. VIII v. 9.

Quem deixará de ver aqui o melhor meio de acabar com a antiquissima rivalidade entre os ricos e os pobres? Por quanto, como a propria evidencia das cousas e dos factos o demonstra, uma vez desprezado ou desconhecido esse meio, necessariamente ha de succeder uma de duas: ou a maior parte do genero humano ha de ficar reduzida a uma vil escravidão, que por tanto tempo existiu entre os pagãos, ou então a sociedade humana ha de ser agitada por continuas commoções e ser victima dos roubos e latrocinios, que com dór temos presenciado n'estes ultimos tempos. Sendo isto assim, Veneraveis Irmãos, nós a quem incumbe o governo de toda a Igreja, do mesmo modo que no principio de nosso pontificado mostrámos aos principes e aos povos, sacudidos por violenta tempestade, o porto da salvação; assim, n'este momento de supremo perigo, cheio de commoção, de novo levantamos nossa voz apostolica, para lhes suplicar instante e ardentemente, em nome de seu proprio interesses e da salvação dos estados, que tomem por mestra a Igreja, que tão admiravelmente tem concorrido para a prosperidade publica das nações, e reconheçam que as relações entre o governo e a religião são tão estreitas, que quanto a esta se rouba tanto se tira á sujeição dos vassallos e á magestade do poder. E quando chegarem a reconhecer que para affastar tão grande flagello do socialismo a Igreja possui a virtude, que se não encontra nem nas leis humanas, nem nas repressões dos magistrados, nem nas armas dos soldados, restituam então a essa Igreja a condição e a liberdade, indispensaveis para que Ella possa exercer sua saluberrima influencia sobre toda a sociedade.

Vós porém, Veneraveis Irmãos, que conheceis bem a origem e natureza dos males que por toda a parte vemos amontoados, applicae-vos com todo o ardor e com toda a energia do vosso espirito a fazer com que a doutrina catholica penetre e se arreigue profundamente em todas as almas. Tomae a peito que todos, desde seus mais tenros annos, se acostumem a amar a Deus com amor de filhos, e a venerar seu nome; acatar a magestade dos principes e das leis; moderar todos os appetites, e guardar fielmente a ordem que Deus estabeleceu, quer na sociedade civil, quer na sociedade domestica.

E' necessario ainda que veleis por que os filhos da Igreja catholica não se alistem na abominavel seita, nem tão pouco a sirvam por qualquer meio, mas sim mostrem, por suas bellas acções e maneira honesta de proceder em tudo, quão estavel e feliz seria a sociedade humana, se todos os seus membros se tornassem distinctos pela regularidade de sua con-

(11) Ad. Hebr. XIII, v. 4.

(12) Ad. Eph. cap. 5.

(13) Eph. cap. VI v. 1, 2.

(14) Idem. v. 4.

(15) Idem. v. 5, 6, 7.

ducta e por suas virtudes. Finalmente, como os sectarios do socialismo se recrutam principalmente entre os homens que exercem as diversas industrias e que desgostosos de sua condição de operarios, são mais facilmente arrastados pelo attractivo das riquezas e promessas dos bens. parece-Nos opportuno animar as sociedades de obreiros e de artistas que, collocando-se sob a protecção da religião, consigam tornar todos os seus membros contentes com sua sorte e resignados ao trabalho, proporcionando-lhes assim uma vida tranquilla e feliz.

Oxalá que nossos empenhos, e os vossos tambem, Veneraveis Irmãos, sejam abençoados por Aquelle a quem somos obrigados a referir o principio e fim de todo o bem. Demais, Nós temos fundadas esperanças que do Senhor havemos receber um poderosissimo auxilio, n'estes dias em que celebramos seu anniversario natalicio. Porque a salvação que Christo, com seu nascimento, trouxe ao mundo já velho, e quasi em dissolução por causa de seus males extremos, manda que tambem nós a esperemos; e igualmente nos prometeu essa paz que então annunciou aos humens pelo ministerio dos anjos. *Porque a mão do Senhor não é abreviada para não poder salvar, nem o seu ouvido ensurdeceu para não ouvir dando attenção.* (17)

N'estes dias, pois, de mui feliz auspicio, desejando-vos, Veneraveis Irmãos, e aos fieis de vossas egrejas todas as prosperidades e sanctas alegrias, supplicamos ao Dispensador de todos os bens, que de novo *appareça aos homens a benignidade e a humanidade do Salvador nosso Deus* (18) que depois de nos arrancar ao poder do inimigo cruel, nos elevou à mui nobre dignidade de filhos seus. E para que os nossos votos mais prompta e plenamente se realizem, univós a Nós, Veneraveis Irmãos, para dirigirmos a Deus fervorosas orações, e invocae tambem o valioso patrocínio da Bemaventurada Virgem Maria, Immaculada desde sua origem, de José seu esposo, e dos bemaventurados apóstolos Pedro e Paulo, em cuja intercessão muito confiamos. Entretanto, como peñhor dos favores celestiaes, do intimo de Nosso coração vos damos no Senhor a benção apostolica a Vós, Veneraveis Irmãos, a vosso clero, e a todo o povo fiel.

Dado em Roma, em S. Pedro, aos 28 de dezembro de 1878, primeiro anno de nosso pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

GUIMARÃES, 15 DE FEVEREIRO

Assistia-nos o rigoroso e gratissimo dever de reproduzir na nossa folha a admirável Encyclica *Quád apostolici muneris* de Leão XIII, dirigida aos patriarchas, primazes, arcebispos e bispos do orbe catholico. Principiamos a fazel-o no nosso penultimo numero, terminando-a no presente e agora tomamos a liberdade de exprimir algumas reflexões acerca d'este acto pontificio.

Não nos fi.mos nas primeiras noticias dadas.

Muito de sobrepensado aguardamos o proprio texto da Encyclica para melhor lhe precisarmos a alta significação. Leão XIII, como legitimo successor d'aquelle *Custos de nocte* que da cidade eterna não cessa ha mil e oitocentos annos de dar o alerta sobre os successivos males que salteiam a sociedade, levanta a sua voz, em que se repercute a do invisivel Chefe da Igreja, para profligar mais uma vez as aberrações philosophico-sociaes que fervilham audazes n'este ultimo quartel do seculo 19.º, e para salvar com a magestade do throno a ordem politica ameaçada pela demagogia corporalisada no punhal dos regicidas.

Os commentarios mais ou menos inexactos que anteriormente à recepção do texto pejavam as correspondencias de certos jornaes, emanavam pela maior parte de agencias liberaes, que ardilosamente limitavam o alcance do documento pontificio á mera condemnação do socialismo, do communismo, do internacionalismo, etc., tomados como outras tantas *coteries* politicas. Designada sob estas expressões incompletas, a revolução não escapava ao anathema de Leão XIII, pois é claro que o socialismo, o communismo, etc., constituem, em ultima analyse, a essencia mesma e o principio operativo da revolução. Mas a Encyclica a que hoje damos publicidade é mais do que isso, e a sua simples leitura basta para dar uma ideia muito mais transcendente de tão grave documento.

Se n'elle são declinados os termos de socialismo, de internacionalismo e outros de igual fabrica, são-n'o unicamente como fiel transumpto de diversas faces ou manifestações de um principio unico, a saber, a revolução, deumimada em globo materialismo, naturalismo, individualismo, ou o que mais quizerem. Para evitar equivocções, Leão XIII precisa com a ultima clareza, todos os pontos importantes. D'est'arte a deschristianisação do casamento, o desprezo da auctoridade paterna, o dogma da soberania popular, a statolatria, todos estes peccados capitaes da revolução são por elle individualisados como

causas efficientes do mal social, e bem assim as aspirações equalitarias do radicalismo contemporaneo, subversivas de toda a noção de propriedade. Sim, o Pae Commum dos fieis estende sobre a cabeça dos reis e dos imperadores sua mão soberana, tutelando-os contra os attentados criminosos da internacional, mas advertindo-os ao mesmo passo de que é de Deus que recebem o poder *omnis potestas á Deo*, de que o seu «direito novo» foi forjado em opposição com a lei natural, e de que o seu governo, leis e elles propios estão sujeitos á suprema auctoridade d'Aquelle que disse: *Per me reges regnant et conditores legum justa decernunt.*

Devem, portanto, a estas horas estar plenamente satisfeitos os fabuladores do *Kulturkampf*, os radicaes das conciliações (impossiveis), os liberastas de todos os matizes e nações. Pediam e repedião ao Papa uma palavra, «um acto», diziam elles, que compellisse os catholicos intransigentes á submissão; o Summo Pontifice fallou, *actuou* como Papa, dirigiu-se solemnemente ao Universo Catholico, convidou os soberanos e os governos a principiarem por si mesmos a reforma do publico, encarecendo-lhes a absoluta necessidade de regerem os povos consoante os impreteriveis direitos da Igreja e da justiça, e recordando aos povos que, mesmo perante a coacção das leis iniquas, *vale mais obedecer a Deus do que aos homens!* A causa está julgada em ultima instancia: *Roma locuta est, causa finita est.*

A Encyclica de Leão XIII não passará, terá a sorte dos monumentos. O proprio jornalismo anti-catholico, desde o *Siècle* de Paris até ao *Bersaglière* de Roma, presta respeitosa homenagem á elevação de ideias, á notavel lucidez e á hombridade, coragem, e nobre independencia de linguagem que caracterisam o recente documento pontificio. com quanto na cauda do elogio se erriçem os inevitaveis dissentimentos de um liberalismo acuado nas suas proprias truchei-ras.

Sente-se, ao lèr a Encyclica, que Leão XIII é o chefe da religião de duzentos milhões de homens, o oraculo da verdade catholica, e o Pae universal da christandade. A verdade desce de seus labios como de um throno, tem a dignidade da grandeza magestática, a limpidez das aguas que jorram das penhas, e a auctoridade subjugadora de um magisterio de desenove seculos. Não trepida, afirma, não investiga onde está a solução do problema social, aponta-a certo de si, como está certo do divino deposito que lhe foi confiado, e da sua augusta missão. Não falla em seu nome a meia duzia de homens, falla em nome de Deus á humanidade inteira desde o operario até ao monarcha,

(17) Isaias LIX v. 1.
(18) Tit. cap. III, v. 4.

tanquam potestatem habens. Não é um mero homem que falla, é o Papa, é Pedro, personificado hoje em Leão XIII, depois de personificado em mais de duzentos Papas, porque Pedro não passa.

E o universo, sem o querer, soffre o ascendente d'essa soberana auctoridade.

O pontífice-Czar dirige uma encyclica ao clero e sectarios moscovitas e a encyclica passa despercebida, a rainha Victoria expede um *bill* religioso aos seus subditos anglicanos, e o decreto da papiza protestante já não reebee pequena honra quando é encravado entre as espessas locaes do «Times»; o clero presbyteriano reúne-se em concilio e propõe aos sequazes do presbyterianismo um novo crêdo progressista, á altura do seculo do carvão de pedra: que grande movimento produzirá elle no mundo da publicidade? Nenhum: é um incidente banal, noticia de quarterão, palestra de esquina ou de restaurante entre pacíficos *rosbifs*, arranjos de casa lá na Grã-Bretanha, que os habitantes do globo nunca devassarão: não serão annunciados em lingua que não seja protestante. Mas Leão XIII publica uma Encyclica, e em menos de oito dias já o mundo civilisado tem conhecimento d'ella pela lingua metalica da telegraphia. Toda a imprensa catholica a reproduz, todo o jornalismo hostil a annuncia e a aprecia, todas as linguas cultas a traduzem, os chefes dos Estados prestam-lhe homenagem pelas suas legações junto da Santa Sé (como ainda hontem nol-o disse a «Agencia-Havas»), a diplomacia commenta-a nos salões politicos, o publico *bon gré mal gré* abre-lhe capitulo na chronica diaria e a historia registra-a. E' um acontecimento europeu.

O PAPA FALLOU.

Post-scriptum. Os adversarios da Igreja não terão a complacencia de nos dizer se o papado está morto?

PADRE SENNA FREITAS.

SECÇÃO RELIGIOSA

Com extrema satisfação damos publicidade ao seguinte bello artigo, cujo *original manuscripto* nos foi graciosamente offerecido pelo seu auctor, o snr. dr. Alves Mendes.

Ouvimos vagamente dizer que o mesmo artigo já ha dias fóra publicado por um jornal do continente; temos para nós que é baléla:

A Biblia

Ha um livro, thesouro de um povo,

que é hoje ludibrio da terra, mas que foi em tempos passados a estrella do Oriente, que reflectiu sobre o mundo a radiosa ideia da unidade de Deus.

N'este livro foram beber sua inspiração todos os grandes poetas das regiões occidentaes: n'elle estudaram todos os grandes escriptores o segredo de levantar os corações e arrebataram as almas com mysteriosas harmonias. E' o livro mais antigo que existe; o livro por excellencia, a cujo nome emmudecem de admiração os seculos: a Biblia.

Foi n'elle, que Petrarca aprendeu a modular seus gemidos: n'elle descobriu o Dante suas terrificas visões: d'essa fragoa incendiada extrahi o poeta de Sorrento os fulgidos resplendores de seus cantos. Sem elle, Milton não houvéra surpreendido a mulher em sua primeira fraqueza, o homem em sua primeira culpa; nem teria contado ás gentes a tragedia do paraizo e o triste fado da humanidade.

E, fallando só do nosso Portugal: Quem ensinou a Jeronymo Osorio a ser singelamente sublime? Quem poz nas mãos de Heitor Pinto a lyra do sentimento e levou Thomé de Jesus a equivoocar com os seus formosos deliquios a divina linguagem de Kempis? De quem aprendeu Luiz de Sousa aquelle estylo mimoso, variado e riquissimo, que, como diamante da mais pura agua, lapidado e faceado a primor, brillará eternamente na sua corôa de classico? Quem inspirou a Antonio Vieira aquella eloquencia torrencial e robusta, aquella energia grandiosa e gigantesca, aquella erudição inexgotavel e relampagueante, nunca assás laureada pelas homenagens dos seculos? Em que eschola encontrou Manoel Bernardes aquella dicção animada e pittoresca, aquellas formas sempre bellas e puras, que tem a harmonia e sobriedade dos relevos gregos, e que repassam de incomparavel doçura todas em suas descrições e narrativas? Quem deu a Francisco Malhão aquella cadencia de palavra, aquellos periodos sonoros e limpidos, que repetindo todas as notas do sentimento e pintando todos os matizes da ideia, se lhe desprendiam dos labios, como uma chuva de estrellas? Quem patenteou, emfim, a todos os nossos grandes escriptores mysticos os profundos abysmos do coração humano, e imprimiu em seus escriptos e discursos, cheios de pompa e magestade, aquellas santas harmonias, aquellas imprecações tremendas, aquellas ameaças fatidicas, aquellos extasis sublimes, aquellos accentos suavissimos, electricos e arrebatadores, com que, ora estimulavam a consciencia dos perversos, ora arroubavam as ternas almas dos justos? Supprima-se a Biblia, e para logo ficará supprimida a bella, a elegante, a graciosa litteratura portu-

gueza, ou despojada pelo menos dos seus mais esplendidos átvios e das suas maiores e mais pomposas magnificencias.

E não é muito, que com a suppresão da Biblia as litteraturas se deslustrem; pois que, sem a Biblia, ficariam tambem os povos assentes nas trevas e nas sombras da morte.

Quem pôde duvidal-o? Na Biblia se contem os annaes do céu, da terra e da humanidade. Ella, como o proprio Deus, representa o que foi, o que é e o que será. A sua primeira pagina affirma o principio das couzas e dos tempos; a sua ultima pagina consigna o fim dos tempos e das couzas. Começa pelo genesis, que é um idyllo, e termina pelo Apocalypse, que é uma elegia. O genesis, é bello como a primeira aurora, que rutilou nos céus; como o primeiro sol, que dourou os mundos; como a primeira flôr, que brotou nos prados; como a primeira brisa, que refrescou os ares; como a palavra primeira, que resou no Eden. O Apocalypse é triste, como a ultima palpitação da natureza; como os ultimos momentos do crepusculo; como os ultimos raios de luz; como o olhar ultimo do moribundo.

E, em meio d'um e outro, por entre esta elegia e aquelle idyllo, vão passando, em procissão immensa, umas após outras, todas as nações: as tribus com os seus patriarchas; as republicas com os seus magistrados; as monarchias com os seus reis; os imperios com os seus czares; Babylonia passa com a sua abominação; Ninive com a sua pompa; Memphis com o seu sacerdocio; Jerusalem com os seus prophetas e doutores; Athenas com as suas artes, sciencias e heroes; Roma com os seus guerreiros, com os seus philosophos, com os seus oradores, com os seus poetas, com as suas cruezas, com as suas corrupções, com o seu poder enormissimo, com os diademas e despojos do mundo. Deus só é immutavel; tudo o mais desaparece nas ondulações do tempo, mais ligeiras que as ondulações do mar.

No quadro primoroso da Biblia se pintam, ou antes se esculpem prodigiosamente todas as catastrophes; e, por isso, alli se acham os modelos immortaes de todas as tragedias. Quando as harpas biblicas resoam, parece ouvir-se o órgão immenso das esferas, que tem como registros as estrellas.

Sirva de exemplo o livro de Job; esse livro sobrehumano, começado como uma narração, continuado como um drama, dialogado como uma argumentação, cantado como um hymno, vociferado como uma blasfemia; relampagueado como uma tempestade, e concluido como uma adoração fervente, sentimental, sublime, como deve concluir tudo entre o homem e Deus.

Nunca a palavra humana foi articu-

lada por uma bocca tão eloquente como a de Job. F' mais que a voz de um homem; é a voz da humanidade.

Poeta, philosopho, propheta, crente, martyr, o incomparavel varão arabe, concentra todos os seus pensamentos, provações, miserias, lagrimas; e contos discute, ouye, responde, irrita-se, interPELLA, accusa, invectiva, brilha, canta, zomba, implora, ajuiza, arrepende-se, humilha-se, acalma-se, levanta-se nas azas potentes da oração; e, no auge dos seus tormentos, todo elle ensopado no fel e posto nas brasas vivas da dôr, é o proprio que exclama: Isto é justo! Quem pôde sentir e fallar assim, tem direito a conversar com Deus!

E esta grandiosidade do poema de Job reproduz-se em todas as paginas da Biblia. Quem poderá gemer e lamentar-se, como gemia e se lamentava Jeremias, em torno de Jerusalem, abandonada de Deus e das gentes, solitaria e triste como viuva? Quem ousará ser sombrio e tetrico como Ezequiel, o propheta dos grandes infortunios e dos pavorosos castigos, quando lançava aos ventos a sua palavra de fogo, espanto de Babylonia?

E a Biblia que guarda os modelos de todas as tragedias, dá-nos tambem os inimitaveis exemplares de todos os canticos. Quem poudo nunca cantar como Moysés, em presença do deserto, o hymno altissimo das victorias e das esperanças, o hymno sublimo da liberdade, cujas divinas cadencias, chejas de um enthusiasmo infinito, parecem reboar ainda pelas praias do mar vermelho e pelas vertentes do Sinai? Quem, ao menos, cantará um hymno singelo como uma ecloga e magestoso como uma epopeia, com aquella melodia suavissima de Debora, a sibylla de Israel, a amazona dos hebreus, a mulher forte da Biblia?

E, passando dos canticos de victoria aos hymnos de louvor: em que templo resoaram jámais vezes tão concertadas, como na Judeia, por entre os perfumes, das rosas de Jericó e os aromas do incenso do Oriente? Que harpa será comparavel á harpa de David, o rei poeta, o amigo de Deus, a alma afinada pelas consonancias angelicas? Que lyra mais sonora do que a de Salomão, o rei sabio e venturoso, que pôz a sabedoria em proverbios, que pintou a vaidade, cantou o amor e seus eloquentes arroubos? E, ao buscarem-se lições de poesia bucolica, onde se encontrarão tão formosas e tão puras como na época biblica, quando a mulher, a fonte e a flôr eram amigas, porque todas symbolisavam a primitiva singelesa, a ingenua e candida innocencia?

Por isso todos os grandes homens, todos os gigantes do pensamento, que tem sentido seus peitos devorados pela

sêde da verdade, do bem e do bello, vão dessedentar-se nas limpidas correntes da Biblia, que ora formam caudalosos rios, ora estrepitosas catadupas, ora murmurantes arroyos, ora serenissimos lagos.

Livro incomparavel este, que ha trinta e tres seculos o genero humano começou a lêr, e, lendo-o todos os dias e noites e horas, não tam podido ainda acabar a sua leitura!

Maravilhoso livro este, em que tudo se calcula, antes de se inventar a sciencia dos calculos; em que, sem estudos linguisticos, se noticia a origem das linguas; em que, sem theorias astronomicas, se computam as estações dos astros; em que, sem documentos historicos, se ingendra e relata a historia; em que, sem as descobertas da physica, se revelam e affirmam as leis do mundo.

Livro prodigioso este, em que tudo se vê ou se prevê; que descobre os pensamentos, que se levantam na mente do homem e as ideias que estão presentes á mente de Deus; que esquadrinha o que vae pelos abyssos do mar e o que se esconde nos abyssos da terra; que perpetua os grandes feitos e as grandes catastrophes das gentes; que contem todos os thesouros da sciencia, todos os documentos da justiça, todas as demonstrações da misericordia.

Livro tal e tamanho, tão valioso e tão excelso, que, nos derradeiros momentos do mundo, quando o turbilhão apocalypticô desmaiara os ceos, ennegrecer o sol, insanguentar a lua, converter em cinza as estrellas, pulverisar os montes e evaporar os mares; n'aquelle cahos espantoso, n'aquelle desolação universal e tremenda, n'aquelle horrivel e tragico *Dies ira*, em que acabarão cidades e nações, permanecerá illeso e fulgurante, porque esse livro é a poderosa palavra de Deus resoando eternamente nas alturas!

DR. ALVES MENDES.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Ajuste de contas
com o positivismo materialista
contemporaneo

(Conclusão)

Foi a Igreja que formou o cavalleiro de Malta e de Santiago. Foi ella que inspirou o pensamento dos Domingos, Franciscos e Ignacios, para subministrar e dispensar ao povo o serviço gratuito da palavra, do exemplo, da virtude e da verdade, de que se acha faminto e necessitado. Foi ella que formou o religioso da Mercê e o irmão Hospitaleiro, para remir o captivo, e para assistir o leproso e o demente. Foi ella, emfim,

que formou a irmã da Caridade, o irmão das Escôlas christãs, a Irmãzinha dos pobres, e o missionario apostolico que levando a luz e a civilização até os confins da terra, cahe em remotos climas banhado no proprio sangue, pronuncian-do palavras de amor, de benção e de santa esperança sobre seus mesmos verdugos. Porque, pois, não hão-de as nações modernas proteger e fomentar o desenvolvimento d'estas grandes instituições da caridade christã? E se é certo, como é, que estas instituições recebem sua seiva e seu vigor sobrehumano, do principio catholico, ou da religião de Jesus Christo, representada pela Igreja Catholica, seria justo que esta fosse honrada em sua cabeça e em seus ministros, auxiliada e protegida em suas instituições pela sociedade civil. se esta deseja sinceramente conjurar os perigos e profundas perturbações de que se acha ameaçada pela Internacional.

Não se julgue por isso que reprovamos e ainda mesmo que repitamos o que ha de legitimo nas ideias da sciencia, ou nas instituições economico-politicas e sociaes. Julgamos, pelo contrario, que o principio da liberdade, convenientemente applicado, pôde contribuir efficazmente á resolução do problema economico-social. Julgamos que o principio da fraternidade encerra uma ideia evangelica. Julgamos que o principio de associação, não só é um grande principio, senão que tem a sua origem e recebe a sua sancção mais elevada e firme, do Christianismo. E não é só n'esta ordem de ideias que julgamos possivel, util e necessario o accordo e o movimento harmonico.

Não ha necessidade de separar, antes devem marchar a par as letras profanas e as letras christãs, a verdade philosophica e a verdade revelada, as sciencias naturaes e a moral christã, as maravilhas da industria e os prodigios da caridade catholica, o respeito pela tradição e o movimento progressivo relativo ao futuro. O que, sim, cremos e cremos com firmeza cada vez maior é que este movimento progressivo da humanidade não pôde ser fecundo, senão com a condição de ser harmonico, no sentido indicado, e não pôde ser harmonico, senão com a condição de affirmar a ideia christã, como base universal da sciencia, e de se achar informado pelo principio vivificante da caridade.

Porque não em vão está escripto, e escripto pelo dedo mesmo do Espirito Santo, que *o Senhor é o Deus das sciencias*; nem é tão pouco vã a palavra que disse que *Deus é a caridade: Deus caritas est.*

ZEPHERINO GONÇALVES.

SECÇÃO LITTERARIA

COIZAS

A proposito de Bolór... e de Timór

Uma derrota. — Bem mortos! — Estratagemas ridiculas de um governador de Macau. — De feza poupada pelo J. das Colonias. — O que diz o «Velho» sobre as Ordens religiosas nas Filipinas, nas colonias hollandezas e inglezas. — Como avalia o estado da nossa Africa. — O bom senso dos hespanhoes. — As «nossas instituições». — Pifio decreto. — Os macaistas e as Irmãs da Caridade. — Severo, mas não injusto.

A estas horas já todos sabem que em Bolór (costa d'África) soffremos uma «derrota». Haveri dous ou tres mezes que alli mesmo tinhamos soffrido outra! Esta ultima, de que resa o telegramma official de 7 de janeiro, custou-nos «carnificina horrivel—trezentas victimas, incluindo dous officiaes e cincoenta soldados degolados».—Quanto a padres, não morreu nenhum, por que não havia lá nem meiol... (Se algum houvesse, a darmos crédito a muitos homens conhecedores de Africa—quasi todos insuspeitissimos—antigos governadores, comandantes militares, etc., é provavel que não morressem officiaes nem soldados.)

O «Jornal das Colonias» de 24 de janeiro traz um longo artigo a tal respeito. O peor do caso é que os nossos compatriotas, foram *hem mortos* (?) se dermos assenso ao que afirma «UM VELHO PORTUGUEZ NA ASIA», correspondente de Macau para o mesmo periodico. Eis aqui as suas palavras, que transcrevemos sabe Deus com que sentimento doloroso. Os parenthesis vão por nossa conta:

«As nossas colonias (abandonadas, na parte religiosa sobre tudo) teem todo o direito de mudar de senhor se jazem debaixo do peso da ignorancia e embrutecimento (e jazem, segundo elle...) sem esperanza nem meios de sahir do selvagismo brutal. Todos os povos, como todo o homem em particular, tem direito tanto ao seu bem-estar, como a aperfeiçoar-se. Interceptar-lhe este caminho, é commetter um grande crime; e é esta a gloria que cabe ao nosso governo diante de todas as nações da Europa a respeito das nossas colonias». (N.º cit., 2.ª p.)

Esta linguagem é terrivel e ao nosso patriotismo custa dôres cruciantes o reproduzila. Mas... *magis amica veritas*... E além disso, para ver se os cegos vêem e os surdos ourem...

A proposito:—A 27 de janeiro o sr. D. Antonio d'Almeida tambem escreveu na «Palavra»:

«Disse n'um banquete o ministro inglez das colonias, que a Inglaterra procurava estender a sua influencia na Afri-

ca: apontou um motivo e não fallou de outros.

«A nós catholicos pela graça de Deus, o que mais nos importa é a sustentação e alongamento dos interesses catholicos, e assim estenda-se pela Africa a influencia ingleza, uma vez que o governo britanico, se não chama os missionarios catholicos, (se não directa, indirectamente podemos afirmar que algumas vezes chama), não lhes embarga o passo, sejam elles clerigos, frades, ou congregados e da Companhia de Jesus! E ás freiras e congregadas de qualquer instituto deixa livre o exercicio da suaciedade para com os doentes, impossibilitados e escholos, nem áquelles ou a estas pergunta se nasceram na Inglaterra ou n'outra nação.

«No Portugal actual official a negligencia do bem religioso e moral das colonias é pouco menos que completa, e ha ainda certos peccaminosos ciumes, e assim o dizemos porque o sabemos de sciencia certa; não ha porém na mesma gente ciumes nem a respeito de marroquinos, se alguns mouros pedirem para estabelecer fabricas de chinellas nas colonias portuguezas e com a sua mesquita ao ar livre!»

Voltando ao *Velho portuguez na Asia*: elle quer justificar o seu dito; e para isso escreve uma longa carta que o insuspeito «Jornal das Colonias» se vê forçado pela evidencia a confessar que está cheia de «grandes verdades», acrescentando: «oxalá não o fossem!»

Diz, por exemplo, o hom do *Velho*, na sua carta, datada de Macau de 19 de novembro de 1878:

«A mais proficua requisição das que n'estes ultimos annos tem feito Timor, foi a de tres senhoras, que de Macau para ali partiram agora, encarregadas da instrucção do sexo feminino; não vão com o intuito de fazer veniaga, nem procurar meios de subsistencia: ensinar os ignorantes e ministrar o pão do espirito a tantos famintos, é o unico interesse que ali as leva.»

A este trecho dá a seguinte explicação o «Jornal das Colonias» (tomamos a liberdade de lhe inserir apenas dous parenthesis):

«As tres senhoras que foram para Timor, são irmãs da caridade, mas pelos motivos que exproba o nosso patriota correspondente, não quiz o governador envia-las com tal nome, (procedimento, estratagemas altamente ridiculos), para satisfazer á requisição do governo de Timor. Uma d'ellas, que é macaista, foi nomeada professora de instrucção primaria, e as outras acompanharam-n'a como pessoas de sua familia. Embora com este disfarce, para não contrariar os preconceitos dominantes, (valente..., corajoso cavalheiro!), muito louvamos o

sr. governador de Macau, por annuir e satisfazer tão promptamente aos desejos do sr. Hugo de Lacerda, affm de restaurar e civilisar a desprezada, até agora, e infeliz colonia de Timor.»

Por isso—e só por isso—tambem nós o louvamos certamente: e não esqueceremos o sr. Hugo de Lacerda.

O *Velho* continúa:

«As possessões hollandezas, que avizinham da nossa debaixo da mesma zona, possuem estabelecimentos religiosos e germens de civilisação para ambos os sexos: ali funcionam debaixo do nome e caracter que lhes é proprio. O nome de jesuita, lazarista, e irmã da caridade, não horrorisa a ninguem: por todos são considerados os primeiros benefeitores da humanidade, por todos estimados, embora não sejam das mesmas ideias religiosas; e são subsidiados por um governo não catholico á mão larga.»

Parabolam hanc.—paremos aqui!—O «Jornal das Colonias», n'um outro artigo do mesmo n.º, depois de ter fulminado terrivelmente os «prelados que preferem antes os regalos e commodidades da vida ao cumprimento dos deveres religiosos» (?) sob o dominio absoluto é pouco—despotico de certos governadores e a *alta* protecção do governo portuguez, tem a louvavel coragem de acrescentar (e o que elle acrescenta nos poupa a defeza dos mesmos):

«Não é menos verdade que os governos tem olhado com censuravel desprezo e lamentavel indifferença para a situação religiosa das nossas possessões, porque não tem dado protecção alguma nem aos bispos, nem aos padres, nem aos missionarios! (E não raras vezes—podia acrescentar—os tem perseguido; o que é peor que não lhes dar protecção).

«Qualquer conductor de trabalhos tem mais vencimentos do que um bispo—uma provincia inteira, Moçambique, paga mais ao director das obras publicas do que a *todo o clero*, e a *todos os mestres de instrucção primaria!*

«As regalias, os proventos, as gratificações, as ajudas de custo, todas as vantagens imaginaveis são para os empregados militares;—para o clero não se olha,—e diz-se, comtudo, que se quer colonisar, que se quer desenvolver e melhorar os nossos dominios d'além-mar!»

Aponta uma injustiça praticada ultimamente com o prelado de Moçambique (nós poderamos apontar muitas contra outros), e conclue:

«E' por esta forma que o governo afugenta o clero e as missões d'aquellas possessões que estão clamando pelos soccorros da religião, e que sem elles não poderão nunca occupar posição es-

tavel e duradoura como povos civilisados (*sic*).

Mandem para ali grandes expedições de obras publicas—abram estradas e caminhos de ferro—estabeleçam telegraphos—dotem aquellas possessões com todos os confortos da vida material, com todos os gosos de uma civilisação adiantada—o que tudo é muito para estimar e louvar;—mas em quanto deixarem a religião ao abandono, o clero sem prestigio e sem força moral, a instrução publica ao desamparo, terão edificado em bases falsas a sua civilisação e não haverá ali senão aquelle falso progresso que encaminha para a decadencia e para a ruina!

Olhem para os governos das nações coloniaes, e vejam se elles não dão ao seu clero a devida e necessaria protecção!»

Até aqui o *Jornal* por sua conta.

Continúa o *Velho Portuguez*:

«N'aquellas ricas possessões hollandezas, os estabelecimentos religiosos não têm nacionalidade, são unicamente considerados debaixo do ponto de vista do seu instituto, ou os membros sejam hollandezes, belgas, francezes ou inglezes, são religiosos e basta, e de todas estas nações por lá os ha, recebendo indistinctamente egual protecção e agasalho. (Sabemos de um ecclesiastico portuguez que já foi convidado para missionar n'uma colonia hollandeza, offerendo-se-lhe officialmente—pois era um governador quem lhe fazia o convite—125\$000 réis, pouco mais ou menos por mez, além de viagens pagas, etc. Era de *encher o olho*; mas não aceitou. O sr. Mendes Leal, então ministro da marinha, sabe a razão porquê. Preferiu. . . Basta!). Se em Portugal se formasse uma congregação de religiosos de qualquer ordem, e quizessem vir missionar ás colonias hollandezas, não encontrariam por certo a menor difficuldade da parte dos intelligentes colonisadores, em quanto o governo portuguez jámais actualmente o permittiria nas suas colonias, não obstante a qualidade de nacionaes!

«A louvavel liberdade e protecção religiosa, que se vê e experimenta nas colonias hollandezas, se dá nas colonias da Inglaterra; na florescente India Ingleza ha missionarios de differentes ordens, e de quasi todas as nacionalidades da Europa; o mesmo succede com as irmãs da caridade e outros institutos concernentes a dar instrucção e civilisação; em quanto na nossa faminta Gôa não é permittido um só!

«As ilhas Philippinas debaixo do governo da nossa vizinha Hespanha, têm religiosos Dominicanos, Agostinianos, Franciscanos, Lazaristas, Jesuitas e Irmãs da caridade; e de cada uma das ordens um grande numero. É por este

meio que os hespanhoes mantêm aquella rica e populosa colonia, na maior paz e tranquillidade, com menos de dois mil soldados europeus, e auferem quasi sem despeza lucros fabulosos; em quanto a nossa pequena ilha de Timor está o mais do tempo em revolução. As Philippinas têm uma população maior do que Portugal; Timor terá apenas seiscentas a setecentas mil almas, debaixo do dominio portuguez, e nada nos rende além de perdas de vidas dos nossos soldados!»

Gostam de ouvir o «Velho Portuguez na Asia?» Pois então continuemos:

«Não fallo das nossas colonias d'Africa, as mais incultas do mundo, debaixo de um governo que se diz civilisado, cujo dominio não poderá ser de muita duração, se o governo de Portugal continuar na sua cega obstinação; digo cega e ao mesmo tempo estulta, porque vendo e experimentando os tristes resultados da sua errada marcha, não quer ou se envergonha de retrogradar, e entrar no caminho plano pelo qual marcham todas as nações coloniaes. Portugal fez progressos na ordem da civilisação dos povos rudes, ganhou credito e nome, emobrecceu-se e constituiu uma nova época, que jámais será obliterada da memoria dos homens, nem riscada dos annaes da historia moderna. O principal motor da sua verdadeira grandeza foi a religião que arvora a cruz; Portugal derribou-a; e com ella os seus brios e a sua gloria; é hoje considerado na ordem das nações pouco acima do povo hebreu, que se humilhou e vergonhosamente se degradou, derrubando a Christo sobre a montanha do Calvario.

«A desconsideração dos portuguezes, como nação, é só desconhecida a quem não sahíu dos limites de Portugal. Na Europa ninguem conta com elle para nada, e na Asia, onde outr'ora foi o povo rei, é hoje uma vergonha ser portuguez. Ha perto de cincoenta annos que os fundadores do novo systema em Portugal, promettiam pelos seus principios grandes melhoramentos materiaes nas nossas colonias. Esse meio seculo tem passado sem essa renascença ter vindo á luz do dia, e outro e outro passará do mesmo modo, em quanto se não estabelecerem os meios dos melhoramentos materiaes.

«Os hespanhoes, entre os quaes as mesmas idéias foram plantadas, tiveram um pouco mais de bom senso; protegeram e ampararam sempre os institutos que davam missionarios para as colonias; no mesmo tempo omissos da sua republica vermelha, que produziu os vergonhosos factos de Alcoy, foram mandados para as Philippinas pleiadas de religiosos de differentes ordens. Em que

estado estariam as Philippinas se estivessem debaixo do dominio de Portugal? Seriam Angola ou Moçambique, e nada mais, ou teriam passado a outro dominio».

O *Velho* diz coisas sabidas... por aquelles que as não ignoram.. Dil-as porém com tanto fervor e vivo desejo de serem escutadas, que teriamos escrupulo se lhe *retirássemos* a palavra.

Falle, falle; e Deus lhe ponha a virtude:

«Não ha falta de provas que demonstrem evidentemente ao governo de Portugal o mau caminho que tem trilhado, e que continua a trilhar a respeito das nossas desgraçadas colonias. Todas as nações coloniaes da Europa lhe estão dando boas lições; não pôde alegar ignorancia. O governo com tal procedimento commette um crime de lesa nação, á qual assiste o direito de lhe pedir estreitas contas.

«As nossas instituições modernas não permittem nos nossos dominios ordens religiosas, dizem certos homens que querem passar por politicos. E as instituições das outras nações, pergunto eu? Nada ha mais contrario ás leis vigentes da Inglaterra do que institutos de tal ordem; tolera-os, não só em attenção ao bem da sociedade, como porque quer ser uma nação que mostre como se deve entender a liberdade; protege-os decididamente nas suas colonias, porque quer ter colonias que fructifiquem, e não montados incultos como Portugal. As leis foram feitas por homens, muitas vezes debaixo de sinistras impressões, que postas em pratica são perniciosas, e por isso deixam de ter força e vigor. É assim que sempre o entendeu a Hespanha a respeito das ordens religiosas: os que mandam vão sempre procurando o bem dos seus governados, e as leis que são contrarias ao fim para que foram feitas vão-se pondo de parte, por que a sua observancia caducou...»

Este *Velho* sabe incontestavelmente o nome aos bois, onde tem o nariz, o qual é a sua *mão direita*. Não é como tantos outros velhos do nosso conhecimento, que desde os verdes annos da juventude parece nada terem aprendido e nada esquecido: elle tem corrido mundo, e pôde affoitamente dizer com um de nossos melhores poetas:

«Andei d'aquem para além,
Vi terras e vi lugares,
Tudo seus avessos tem;
Aquillo que não espermentares
Não digas que o sabes bem.»

O caso é que excita cada vez mais a nossa curiosidade e desperta-nos profunda sympathia. Daríamos alguma coisa (se a tivéssemos), para lhe podermos *pespegar* um abraço muito *arrochado*. Separam-nos milhares de leguas; ficaremos com o desejo.

Parece todavia no ultimo paragraho transcripto, se contenta de que o governo portuguez não faça mais que o inglez em favor das ordens religiosas em suas missões colonias. Mas o governo catholico de uma nação «fidelissima» não deveria fazer mais que um governo heretico, protestante? Quanto a «leis», não temos lei nenhuma contra a existencia das ordens religiosas; apenas um pifio decreto (1). As «nossas instituições modernas» também se lhes não oppõem; pelo contrario. Consignam a Religião Catholica como Religião do Estado,—e a observancia dos Conselhos Evangelicos pertencem-lhe—proclamam a liberdade da associação, o respeito á propriedade, etc. . .

Dir-nos-ha o illustrado Velho: «*Quen todo lo quiere todo lo pierde—ou quem muito abrange pouco aperta. . .* Já nos contentariamos. . .»—quanto á primeira reflexão. E quanto á segunda: «*Del dicho al hecho va gran trecho. . .*»

Mal saberíamos que contestar-lhe, e não haveria remedio senão curvar a cabeça.

Assim como ass m. . . Já pouco falta—o Velho é instruido, consciencioso e venerando: deve-se escutar até ao fim sem mais interrupções:

«Desgraçadamente as nossas primeiras escholâs, que dão ou passam os titulos e pergaminhos do saber, educam a juventude inexperiente debaixo da sinistra impressão contra os institutos religiosos e irmãs de caridade.

«*Irmãs da caridade! Horrorisa-me um tal nome!* Era d'este modo que um imberbe se expressava, não ha muito tempo, no seio de uma familia de Macau, de uma familia que por ellas tinha sido educada, e que jámais deixará de bem dizer o seu nome. O tal homemsinho não só deu uma ideia da sua má educação, mas também da sua ignorancia. Em Macau tem havido quasi sempre irmãs da caridade, sustentadas pelos proprios cidadãos, e algumas vezes com bastante difficuldade mantidas, faltando-lhe a boa vontade das auctoridades publicas, com honrosas excepções. Não é portanto o nome de irmã da caridade um nome que produza uma impressão sinistra, bem pelo contrario.

«O povo de Macau que vive na maior parte na colonia ingleza de Hong-

Kong, tão visinha, não se espanta, antes se apraz em vêr e tratar com as irmãs da caridade, que educam as suas filhas, e dão lições de moral ás suas mulheres n'aquella florescente colonia, onde ha dois institutos d'este genero, irmãs italianas e francezas, e o mesmo se vê por todo o litoral da China, onde tanto bem fazem á humanidade. Só um portuguez, para nossa vergonha, estava habilitado a dizer que se horrorisava ao ouvir soar um nome que outras ideias não inspira que beneficencia e amor da humanidade! A outro ouvi dizer (instruido também na primeira escola de Portugal), *que preferia vêr todas as nossas colonias perdidas, e mesmo a nossa autonomia, do que vêr uma ordem religiosa nas nossas colonias!*

São estes os patriotas a quem ordinariamente se entrega a execução das leis, e os destinos da nossa patria! Petulantes, que nada sabem do que actualmente se passa no mundo, conhecem-n'o pelo vêr pintado em um mappa ou folha de papel, ou julgam que o mundo todo se acha circumscripito nas suas proprias pessoas e nullidade.»

E' severo. Quem se atreverá porém a dizer que é injusto o «*Velho Portuguez na Asia?*»

UM VIMARANENSE.

SECÇÃO CRITICO-BIBLIOGRAPHICA

I

Invejo á Hespanha a sua «*Illustração Americo-Hespanhola*», periodico semanal publicado em Madrid.

Nós não temos uma publicação, principalmente illustrada, que rastreie sequer aquella. O espirito do notavel semanario madrileno é em geral bom, é um jornal pela ordem, francamente monarchico, e podemos accrescentar que a sua redacção, tal qual a revelam os seus artigos do fundo, é francamente catholica. Collaboram n'elle as primorosas pennas de Fernandes Bremon, Vidart Uehou, Vellasco, Dupuy de Lôme, etc. Fernandes Bremon, em especial e segundo o meu entender, é um escriptor de primeira plana, que só por si bastára para tornar a «*Illustração*» um jornal distinctissimo entre todos quantos se editam na visinha Hespanha e na Peninsula. Nos seus artigos ha traços de pincel, golpes de escopro, melodias de cantor, inspirações de poeta, estylete de chronista e profundezas de philosopho: tem lampejos de Castellar, mas combinados com as crenças e o bom senso de Luiz de Granada.—Se a grande variedade de assumpto constitue um attractivo em publicações de tal foição, é forçoso conceder esse mérito ao semanario que apreciamos. Religião e politica, historia e litteratura, sciencia e bellas-artes, ethnographia e viagens, revista noticiaria e bibliographia; que falta a esta enumeracão para ser completa e a este indice para ser a resenha exacta dos assumptos que aquelle periodico alternativa e por ve-

zes simultaneamente tem tratado? E por conseguinte para fazer d'elle uma publicação encyclopedica, por onde, omnimodamente interessante? A parte graphica e artistica em nada cedo ao merito da parte litteraria. Excellente papel assotinado, type mtido, boas gravuras e por vezes magnificas como as não possui melhores o «*Illustrated London News*», a «*Illustration française*», nem o «*Alte und Neue Welt*». Tenho ainda presentes á memoria *Thamar*, com o rosto meio velado por um véu de transparente filó ou. . . de traços de buril; a *Morte de Antonio nos braços de Cleopatra*, o *Aguacero* (mimosissimo de expressão e de graça, o *Rapto*, os *Encyclopedistas*, a *Entrada de Carlos V em Anvers*, *Travessuras do gato*, *Joanna a louca*. Todas estas gravuras, além de muitas outras que deixo em alibi, são outros tantos quadros de apurado buril que a «*Illustração*» offereceu aos assignntes, mas que a moldura está reclamando para lh'os dar o relevo e duração a que o seu valor tem direito.

A estas horas seria quasi irrisorio de-sejar prosperidades ao illustre semanario, quando vai já entrado no vigesimo terceiro anno da sua existencia, e pôde olhar para os que atravessou como para outras tantas datas de gloria litteraria nas lides da imprensa. (Continua)

EDIÇÕES DE PROP. CATHOLICA

Preenchemos hoje esta secção transcrevendo da «*Civilisação*», nosso excellente collega de Ponta Delgada, o seguinte juizo que lhe mereceu a «*Historia Popular dos Papas*», por Chantrel:

«*HISTORIA POPULAR DOS PAPAS, por J. Chantrel, versão por Antonio José de Carvalho.* Recebemos o 11.º fasciculo que continúa a epocha tão brilhante de S. Gregorio VII e descreve a parte que tomaram os Papas seus successores nas cruzadas contra os mahometanos.

Repetimos o que já aqui dissemos apreciando esta obra: *só os ignorantes, os que aprendem historia romantizada, poderão odiar e injuriar a instituição do Papado, á qual deve a sociedade moderna a civilisação verdadeira de que legitimamente se ufana.* Mas quando veremos estudar a historia nas suas fontes mais puras em vez de se procurar o charco lodoso dos preconceitos e dos odios? Tardo será; mas com esforços, como este que faz o tão catholico editor, o sr. Teixeira de Freitas, de Guimarães, na publicação da traducção portugueza d'esta obra, ir-se-hão dispondo os espiritos para essa reacção dos bons estudos historicos.

Quando em França se escreve uma historia, como esta, e que ainda assim é considerada popular, desejaríamos nós que em Portugal fosse ao menos lida, pelas classes que se dizem illustradas e que iriam ali encontrar factos que completamente desconhecem, e que lá fóra os verdadeiros sabios julgam deshonra ignorar. Apesar de destinada para o povo, oxalá que muita mão que calça luva a manuseasse e meditasse.»

IMP. CIVILISAÇÃO DE SANTOS & LEMOS
PORTO.—RUA DE SANTO ILDEFONSO, 8 e 10

(1) Que elle é «pifio», tem sido provado muitas vezes até á evidencia; e foi-o ainda ultimamente n'uma série de artigos substanciosos que o nosso prezado collega e distincto academico Almeida Silvano, redactor da *Ordem*, publicou na *Atalaia* de Vizeu, refutando os fundamentos em que se baseara, consignados no célebre relatório do *Mata-frades*.—Esse trabalho merecia publicação á parte. Quem não desejaria archivar o precioso fasciculo?